

**EDUCAÇÃO E CONFIANÇA SOCIAL ESTUDO DE CASO: PRÁTICAS
ANTIVACINAÇÃO NA RÚSSIA**

**EDUCACIÓN Y CONFIANZA SOCIAL ESTUDIO DE CASO: PRÁCTICAS
ANTIVACUNAS EN RUSIA**

**EDUCATION AND SOCIAL TRUST CASE STUDY: ANTI-VACCINATION PRACTICES
IN RUSSIA**

Aida Nailevna NURUTDINOVA¹
Alina Aleksandrovna LUSHAVINA²
Vera Nikolaevna ARGUNOVA³

RESUMO: Os estudos modernos sobre confiança começaram a acreditar que a educação tem um impacto universalmente positivo sobre a confiança. A educação costuma ser um dos indicadores mais potentes de confiança, mais influente do que a idade, renda, riqueza, saúde ou qualquer outra característica individual. Portanto, há causas específicas para considerar que a educação às vezes aumenta a propensão para a confiança. O artigo trata da questão atual da desconfiança na vacinação como prática institucional de prevenção e proteção contra doenças. Os resultados de um estudo sociológico realizado em 2016 e 2020 revelaram que a recusa em vacinar crianças é baseada na educação e na experiência de vida dos próprios pais ou de outras pessoas que enfrentaram complicações pós-vacinais. Os participantes do estudo falaram sobre a natureza voluntária da vacinação, inclusive contra o coronavírus. Os resultados indicaram que existe uma correlação positiva entre educação e confiança na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade. Práticas antivacinação. Educação. Confiança social.

RESUMEN: Los estudios modernos sobre la confianza han comenzado a creer que la educación tiene un impacto universalmente positivo en la confianza. La educación es a menudo uno de los predictores más potentes de la confianza, más influyente que la edad, los ingresos, la riqueza, la salud o cualquier otra característica individual. Por tanto, existen causas concretas para considerar que la educación en ocasiones potencia la propensión a la confianza. El artículo aborda el tema actual de la desconfianza hacia la vacunación como práctica institucional de prevención y protección de enfermedades. Los resultados de un estudio sociológico realizado en 2016 y 2020 revelaron que la negativa a vacunar a los niños se basa en la educación y la experiencia de vida de los propios padres u otras personas que se han enfrentado a complicaciones posvacunales. Los participantes del estudio hablaron sobre

¹ Universidade Federal de Kazan, Kazan – Rússia. Candidata a Ciências Sociológicas, Professora Associada do Departamento de Sociologia Geral e Etnica, Instituto de Ciências Sociais e Filosóficas e Comunicação de Massa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7453-3502>. E-mail: aida.nurutdinova@kpfu.ru

² Centro de Pesquisa Independente, Samara – Rússia. Médica-neurologista, socióloga. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3547-8592>. E-mail: alina_chemodanov@mail.ru

³ Universidade Estadual de Vyatka, Kirov – Rússia. Doutora em Ciências Sociais, Professora, Faculdade de História, Ciência Política e Estudos Culturais, Instituto de Humanidades e Ciências Sociais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0643-8065>. E-mail: v_argunova@mail.ru

la naturaleza voluntaria de la vacunación, incluso contra el coronavirus. Los resultados indicaron que existe una correlación positiva entre educación y confianza en la sociedad.

PALABRAS CLAVE: *Sociedad. Prácticas antivacunas. Educación. Confianza social.*

ABSTRACT: *Modern trust studies have begun to believe that education has a universally positive impact on trust. Education is often one of the most potent predictors of trust, more influential than age, income, wealth, health, or any other individual characteristic. Therefore, there are specific causes to consider that education sometimes enhances the propensity to trust. The article deals with the current issue of distrust of vaccination as an institutional practice of prevention and protection from diseases. The results of a sociological study conducted in 2016 and 2020 revealed that the refusal to vaccinate children is based on the education and life experience of parents themselves or other people who have faced post-vaccination complications. Participants in the study spoke about the voluntary nature of vaccination, including against coronavirus. The results indicated that there is a positive correlation between education and trust in the society.*

KEYWORDS: *Society. Anti-vaccination practices. Education. Social trust.*

Introdução

Vários aspectos da vacinação tornaram-se agora mais relevantes em relação à pandemia de coronavírus e à promoção da ideia de vacinação como medida preventiva. Há um movimento crescente de antivacinação em todo o mundo, cujos participantes se opõem ao uso de vacinas como meio de prevenção de doenças epidêmicas. Nesse sentido, é importante considerar as práticas e os motivos de recusa da vacinação em termos de confiança nos médicos e na instituição de saúde. A vacinação é uma intervenção médica realizada por médicos que não são apenas legalmente, mas também moralmente responsáveis pela saúde e vida dos pacientes. Não há consenso entre médicos, epidemiologistas e biólogos sobre o impacto das vacinas na saúde humana. Além disso, foram médicos e cientistas que iniciaram o movimento antivacinação no mundo. Na Grã-Bretanha, a "Primeira Liga Nacional AntiVacinação" foi estabelecida em 1866. Nos Estados Unidos, em 1879, surgiu a "Sociedade Americana Contra a Vacinação". Atualmente, existe um "Fórum Europeu de Vigilância de Vacinas" (EFVV). Na Rússia, o movimento antivacinação no final do século XX começou o virologista G. P. Chervonskaya, o homeopata A. Kotok, o cirurgião F. G. Uglov (UGLOV, [n.d.]).

O principal proponente da vacinação é a Organização Mundial da Saúde. Seus especialistas dizem que os únicos fatores que afetam a saúde pública são a vacinação e a água potável, e a porcentagem de vacinação entre a população é um fator de crescimento econômico.

Para eles, a vacinação é um investimento estratégico na área da saúde. Esta posição é compartilhada por representantes oficiais dos sistemas de saúde em todos os países do mundo.

O aumento maciço da prática de recusa de vacinas é um sintoma da desconfiança dos pacientes em relação a esse tipo de intervenção médica. Isso coloca um impacto negativo na relação entre o médico e o paciente, enfraquece a autoridade da medicina. As especificidades da comunicação entre o médico e o paciente pressupõem a confiança mútua, que é a condição mais importante para o sucesso do tratamento. A sociologia considera a confiança como um tipo de conexão social, o oposto das relações formais reguladas por normas legais. Shtompka acredita que tal conexão social é uma conexão moral (VASIL'EVA, 1999). N. Luman caracteriza a confiança como uma conexão emocional entre as pessoas, uma atitude moral e psicológica, uma expectativa generalizada de justiça nas ações do participante da interação e o cumprimento de suas obrigações (POROHOVSKAJA, 2018). Adam B. Seligman observa que a confiança é a base das relações públicas.

A confiança como um vínculo social implica que as pessoas têm obrigações vinculantes para com os outros. Os principais componentes dessa relação são: a expectativa de uma atitude digna para conosco; cumprimento de obrigações; preocupação com os interesses dos outros, a vontade de agir em seu favor, mesmo quando nossos interesses sofrem. Esses três vetores criam um espaço moral de confiança no qual ocorre a interação social, inclusive entre o médico e o paciente.

Este artigo analisa as práticas e os motivos de recusa de vacinação de pais de crianças pequenas, as opiniões de profissionais e outros especialistas que se manifestam contra a vacinação. O objetivo é descobrir como a recusa da vacinação afeta a credibilidade das atividades médicas.

Métodos

Para estudar o problema, foi realizado um estudo sociológico. Na primeira etapa, em 2016, foram realizadas 23 entrevistas livres com pais de 20 a 49 anos de diferentes cidades da Rússia e monitoramento das ações dos participantes do Pravda sobre o grupo de vacinação na rede social Vkontakte por meio da netnografia. De acordo com a tipologia de Gould, optamos pela posição "observador como participante" (POLUHINA, 2014).

A comunidade "Verdade sobre vacinas" (classificada por Garcia, Standlee, Bechkoff, Cui) refere-se a uma comunidade de contatos online (POLUHINA, 2014).

Na segunda etapa do estudo, em 2020, foi utilizado o método de estudo de caso. O objeto do estudo foi a mesa redonda internacional "Pare a vacinação obrigatória! Complicações pós-vacinação", que ocorreu em 26 de julho de 2020 ao vivo no canal do Youtube da agência de notícias "a to be honest"

Também foi realizada uma análise secundária dos resultados da pesquisa sociológica da Internet em toda a Rússia sobre a vacinação contra o coronavírus (Centro de pesquisa independente, setembro de 2020, n = 3700).

Resultados e discussão

De acordo com os resultados da primeira etapa do estudo, foram identificadas duas formas de recusa da vacinação: total e parcial. No primeiro caso (havia a maioria desses informantes), os pais recusaram todas as vacinas de seus filhos. No segundo caso, os pais dão aos filhos algumas vacinas contra doenças que podem causar consequências negativas.

Os informantes que optaram pela forma total de recusa podem ser divididos em vários grupos. (1) Pais que recusaram vacinas desde certo período. Esse grupo incluiu aqueles que começaram a recusar após complicações e reações adversas por causa da vacinação, e aqueles que foram orientados por informações da internet e literatura antivacinação (MAWSON *et al.*, 2017). (2) Pais que se recusam a vacinar as crianças imediatamente após o nascimento. Nesse grupo, vale destacar os pais que vivenciam as consequências negativas da vacinação dos filhos maiores, o que os levou a não vacinar os menores.

Uma convicção antivacinação estável é formada nos pais sob a influência de vários fatores. O principal fator é uma experiência de vida pessoal negativa ou conhecidos próximos. Em alguns casos, as recusas de vacinas estão ligadas às conexões sociais dos informantes. Se houver recusas de vacinação no círculo próximo de pais em quem seus pais confiam, sua opinião se torna autoritária. Os informantes também assumem uma atitude negativa em relação à vacinação por parte dos pais, que também não vacinaram seus filhos (informantes). Na Rússia de hoje, existem famílias que têm duas ou até três gerações de crianças não vacinadas.

Os resultados da entrevista e análise do recurso online revelaram os seguintes argumentos contra as vacinas. (1) As vacinas são perigosas e prejudiciais ao organismo, destroem o sistema imunológico da criança, causam reações adversas e consequências a longo prazo que afetam a saúde (PETROVSKY, 2015). Portanto, não há apenas uma rejeição da necessidade de vacinação, mas também uma perda de confiança nos métodos oficiais da medicina e dos médicos (HOWSON *et al.*, 1991).

O segundo argumento (2) contra as vacinas é a crença de que as vacinas são "armas biológicas". Essa visão está intimamente ligada à desconfiança do sistema de saúde como um todo. Alguns pais entrevistaram médicos suspeitos de conluio com empresas farmacêuticas que promovem vacinas que os informantes acreditam serem "armas biológicas". Escândalos no México, Filipinas e África foram um fator importante que convenceu os pais de que as vacinas eram "armas biológicas". Então um hormônio que causa infertilidade em mulheres foi encontrado na vacina contra a poliomielite (TALWAR *et al.*, 1994). O terceiro argumento (3) baseia-se na crença de que as vacinas são um negócio lucrativo para as empresas farmacêuticas, por isso estão fazendo lobby pela vacinação obrigatória. O quarto argumento (4). As vacinas não impediram epidemias de doenças perigosas, e a presença de vacinação não oferece garantias contra a doença. O quinto argumento (5). As crianças vacinadas adoecem com mais frequência e mais do que as crianças não vacinadas. Essa opinião geralmente é formada na experiência pessoal dos pais quando monitoram a saúde de seus filhos mais velhos (vacinados) e mais novos (não vacinados). Sexto argumento (6). O próprio Corpo deve combater vírus e doenças. Via de regra, essa posição é ocupada por pais que praticam formas não medicamentosas de melhoria da saúde.

O desejo de proteger uma criança da vacinação é muitas vezes considerado pelos pais como uma "guerra" com todo o sistema social, bem como com parentes e conhecidos. Muitas vezes tornam-se "inimigos" de outros pais, são criticados e condenados. Ao mesmo tempo, os pais entendem que a sociedade e o Estado impõem certas regras, inclusive em relação à vacinação. Os pais se preparam cuidadosamente para a recusa de vacinas, estudam as leis, os requisitos prescritos, compartilham suas experiências com outras pessoas e constroem claramente seus argumentos ao se comunicar com os profissionais médicos. Os resultados de nossa pesquisa mostraram que os pais conhecem seus direitos e obrigações e se orientam pelas leis. Os pais tentam estabelecer um diálogo com o governo e as autoridades de saúde. Uma das opções para os pais é criar e distribuir petições contra vacinações obrigatórias e certos tipos de vacinação.

A desconfiança na vacinação gera desconfiança no sistema de saúde, nos métodos de tratamento e em alguns médicos. Os pais que se recusam a vacinar seus filhos geralmente se recusam a tomar medicamentos, antibióticos e recorrem mais às formas tradicionais de tratamento, homeopatia e naturopatia. Os pais prestam muita atenção a um estilo de vida saudável, prevenção de doenças e evitam produtos que contenham alimentos geneticamente modificados. Alguns dos membros da comunidade são adeptos das antigas práticas russas, engajados na melhoria da saúde e no endurecimento do corpo.

A segunda etapa do estudo (julho de 2020) incluiu a identificação das opiniões dos participantes da mesa redonda internacional "Pare a vacinação obrigatória! Complicações pós-vacinação". A análise das falas dos pais confirmou os resultados obtidos na primeira etapa quanto aos motivos da recusa da vacinação. Médicos russos falaram sobre casos em que a direção de uma instituição médica os proibiu de registrar as consequências pós-vacinais no cartão pessoal do paciente. Os especialistas também observaram separadamente a futilidade da vacinação obrigatória contra o COVID-19, já que o vírus está em constante mutação e a vacina não acompanha a nova mutação. Também foi sugerido que é impossível fazer uma vacina de alta qualidade em poucos meses, realizar os testes necessários e identificar todas as possíveis consequências negativas. Defensores de direitos humanos que falaram na mesa redonda levantaram a questão da proteção legal contra a vacinação obrigatória.

Uma questão importante foi levantada sobre as complicações pós-vacinais. Em primeiro lugar, é muito difícil provar tais consequências, pois o sistema de saúde em todos os níveis se protege recusando-se a reconhecer a ligação entre as consequências e a vacinação. Em segundo lugar, o montante dos pagamentos devido às consequências negativas da vacinação é extremamente reduzido. Eles não são proporcionais aos recursos gastos em tratamento, danos físicos e morais. Terceiro, as empresas farmacêuticas se beneficiam das complicações pós-vacinais: o número de usuários de insulina e outros medicamentos está crescendo (ANGELL, 2009).

Os resultados da pesquisa em toda a Rússia sobre a vacinação contra o coronavírus mostraram que a maioria dos entrevistados (92,1%) não confia em informações sobre a extensão da disseminação do coronavírus, seus perigos, métodos de prevenção e tratamento provenientes de fontes oficiais em graus variados. A grande maioria dos inquiridos não quer ser vacinada (a soma das respostas é superior a 100%). Metade dos entrevistados (50,4%) não está pronta para ser vacinada, pois não confia em todas as vacinas nas quais a Organização Mundial da Saúde está envolvida há muito tempo, acusada de sabotagem de vacinas; 43,2% não estão prontos para serem vacinados, porque a vacina não pode ser criada antes de cinco anos de acordo com todos os padrões científicos; 32,7% não estão prontos para serem vacinados, porque não pode haver vacina confiável contra o coronavírus. Apenas 3,6% dos entrevistados estão prontos para serem vacinados, dos quais: 2% o farão voluntariamente, 0,9% - se houver ordem em todo o país, 0,7% - se forem obrigados a trabalhar (Independent research Center, s./d.).

Síntese

A prática da não vacinação pode ser combinada em vários grupos dependendo da experiência familiar em relação à vacinação. Um grupo é composto por famílias que têm uma experiência negativa de vacinar crianças mais velhas. Eles se recusam categoricamente a vacinar crianças mais novas. Nessas famílias, a desconfiança em relação aos médicos e ao sistema de saúde é mais pronunciada. O outro grupo é formado por famílias em que há tradição de recusa da vacinação. Os próprios pais cresceram sem vacinas e têm uma experiência positiva de vida sem vacinas. Essas famílias espalham ativamente seu exemplo positivo entre outros pais. O terceiro grupo inclui famílias que têm fortes crenças contra as vacinas com base na análise das experiências de vida de outras pessoas e na literatura. Eles não vacinam seus filhos, mas podem concordar com algumas vacinas sob pressão do sistema educacional. Esses pais são críticos da medicina.

Entre os motivos de recusa da vacinação, prevalecem a preocupação com o fortalecimento da imunidade da criança e o medo de complicações pós-vacinais (DÓREA, 2011). Ressalta-se que a prática de recusa da vacinação é acompanhada de práticas alternativas: estilo de vida saudável, incluindo endurecimento e alimentação saudável; o uso da medicina tradicional; recusa de antibióticos etc.

Os resultados da pesquisa na Internet em toda a Rússia mostraram que a grande maioria dos russos não confia nas informações oficiais sobre a propagação do vírus, não a considera uma doença grave e não quer ser vacinada contra a covid-19.

Conclusões

A prática generalizada de recusar vacinas entre os pais, como nossa pesquisa mostrou, é baseada na experiência de vida. Consequências negativas para a saúde, imunidade enfraquecida, incapacidade e às vezes a morte de crianças, tudo isso indica o impacto ambíguo das vacinas no corpo humano. Ao mesmo tempo, os esforços da medicina oficial e da Organização Mundial da Saúde criaram estereótipos do impacto positivo das vacinas na sociedade. Para manter a confiança na relação entre o médico e o paciente, é necessário, em nossa opinião, ter uma linha de comunicação flexível com os pais que se recusam a vacinar seus filhos. Além disso, precisamos de um controle público rigoroso sobre a produção de vacinas e sua qualidade.

AGRADECIMENTOS: O trabalho é realizado de acordo com o Programa do Governo Russo de Crescimento Competitivo da Universidade Federal de Kazan.

REFERÊNCIAS

- ANGELL, M. Drug companies & doctors: a story of corruption. **The New York Review**, 15 Jan. 2009. Available: <https://www.nybooks.com/articles/2009/01/15/drug-companies-doctors-a-story-of-corruption/>. Access: 10 Jan. 2021.
- DÓREA, J. G. Integrating experimental (in vitro and in vivo) neurotoxicity studies of low-dose thimerosal relevant to vaccines. **Neurochem Res.**, v. 36, n. 6, p. 927-938, 2011. Available: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21350943/>. Access: 10 Jan. 2021.
- HOWSON, C. P.; HOWE, C. J.; FINEBERG, H. V. **Adverse Effects of Pertussis and Rubella Vaccines: A Report of the Committee to Review the Adverse Consequences of Pertussis and Rubella Vaccines**. Washington, DC: National Academies Press (US). 1991. pt. 5. Available: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK234368/>. Access: 10 Jan. 2021.
- INDEPENDENT RESEARCH CENTER. **Results of an Internet survey on coronavirus vaccination**. [n.d.]. Available: <http://xn----7sbfhedbrfkjgf7af6bcairj9fsg.xn--plai/rezultaty-internet-oprosa-po-teme-vaktsinatsii-ot-koronavirusa/>. Access: 10 Jan. 2021.
- MAWSON¹, A. R. *et al.* Preterm birth, vaccination and neurodevelopmental disorders: a cross-sectional study of 6- to 12-year-old vaccinated and unvaccinated children. **Journal of Translational Science**, v. 3, n. 3, p. 1-8, 2017. Available: <https://www.oatext.com/pdf/JTS-3-187.pdf>. Access: 10 Jan. 2021.
- PETROVSKY, N. Comparative safety of vaccine adjuvants: a summary of current evidence and future needs”. **Drug Saf.**, v. 38, n. 11, p. 1059–1074, 2015. Available: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4615573/>. Access: 10 Jan. 2021.
- POLUHINA, E. Online surveillance as a method of data collection. **Theoretical discourses and discussions**. **Inter**, n. 7, p. 95-106, 2014.
- POROHOVSKAJA, T. I. Trust as a moral phenomenon. **Scientific notes of the V. I. Vernadsky Crimean Federal University. Philosophy. Political science. Culturology**, v. 4, n. 70, p. 56-64, 2018.
- TALWAR, G. P. *et al.* A vaccine that prevents pregnancy in women. **Proc. Natl. Acad. Sci. USA**, v. 91, p. 8532-8536, 1994. Available: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC44640/>. Access: 10 Jan. 2021.
- UGLOV, F. G. **Review of V. A. Kopylov's article "About vaccinations"**. [n.d.]. Available: <http://www.kopylov.ru/index.php/ct-menu-item-223/ct-menu-item-225/ct-menu-item-239/o-privivkakh>. Access: 10 Jan. 2021.

VASIL'EVA, E. P. P. Sztompka. Hard-to-understand cultural factors in rapid social change. Trust, loyalty, solidarity. **Social and human Sciences. Russian and foreign literature. Series 11. Sociology: an abstract journal**, n. 2, p. 78-85, 1999.

Como referenciar este artigo

NURUTDINOVA, A. N.; LUSHAVINA, A. A.; ARGUNOVA, V. N. Educação e confiança social estudo de caso: Práticas antivacinação na Rússia. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. esp. 6, p. 3516-3524, dez. 2021. e-ISSN:1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v25iesp.6.16113>

Submetido em: 07/04/2021

Revisões requeridas em: 11/08/2021

Aprovado em: 19/11/2021

Publicado em: 30/12/2021

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

